

Epistemologias Indígenas para reterritorializar a cidade: Experiências Comunicacionais entre Mulheres Indígenas de Roraima¹

Adriã Galvão SILVA²

Lisiane Machado Aguiar³

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

Nossa artesanaria para traçar caminhos comunicacionais em uma perspectiva decolonial e indígena nasce da cartografia dos diálogos construídos durante as gravações do podcast e do programa de rádio Kunhantã, que compartilha em formato de entrevista, saberes e vivências de mulheres indígenas Makuxi, Wapichana, Baniwa e Warao que vivem em Roraima. Os 15 episódios do Kunhantã estão disponíveis na plataforma de streaming *Spotify* e na Rádio Web da Defensoria Pública do Estado de Roraima. Com suporte de uma metodologia dinâmica cartográfica baseada nas vivências da pesquisa, as problematizações que guiaram esse artigo são: como as experiências comunicacionais entre mulheres indígenas de Roraima através do podcast e do rádio podem agenciar epistemologias indígenas? De que forma podemos produzir experiências comunicacionais pluriversivas que ultrapassem as normatizações já moralmente consolidadas? Como a comunicação indígena pode encorajar a descolonização das teorias e práticas e construir estratégias de subsistência e afirmação? Logo, a pesquisa fundamenta por meio de debates teóricos e metodológicos as implicações da memória na constituição da narrativa crítica indígena, integrando a oralidade como subsídio comunicacional para a materialização dos saberes ancestrais que instituem os povos originários. Nesta pesquisa, trabalharemos em três movimentos nomeados: Micropolíticas para viver a Florestania, Cartografia da Experimentação Coletiva Oral e Crítica Estética e Comunicação Decolonial.

PALAVRAS-CHAVE: epistemologia indígena; florestania; mulheres indígenas; oralidade; comunicação.

INTRODUÇÃO

¹ Trabalho apresentado **no Grupo de Trabalho Comunicação, Ciência e Amazônia**, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

² Estudante do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UFRR, email: adriagalvaojornalismo@gmail.com

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), e-mail: lisiaguilar@gmail.com

Este trabalho apoia-se no exercício de pensar a comunicação decolonial e indígena a partir de ponderamentos que considerem os aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais em sua metodologia de produção. Dessa forma, é possível tecer uma discussão estética e ética agenciada por epistemologias indígenas que conflui na potencialização e criação de afetações da memória em um exercício oralizado coletivo. Aqui, tomamos a experiência como tudo “o que nos acontece”. Um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova (LARROSA, 2002, p. 21).

A partir do entendimento das estratégias de (re)existência identitária trazidas pelas micropolíticas, nosso pensamento direciona-se a cartografar as experimentações coletivas orais presentes em núcleos midiáticos comunitários indígenas, em específico, o podcast e programa Kunhantã-Narrativas de Mulheres Indígenas⁴, que traz entrevistas com mulheres Makuxi, Wapichana, Baniwa e Warao. São lideranças indígenas, jornalistas, comunicadoras, artistas, artesãs, escritoras, médica, pajés, professoras, antropólogas e universitárias, que narram suas vivências e saberes em Roraima.

O nome Kunhantã deriva da palavra tupi-guarani “cunhantã”, que significa “mulher forte”. O projeto de extensão também integra o grupo de pesquisa "Comunicadores indígenas e territorialidade amazônica" da Universidade Federal de Roraima. Nossa artefaria para traçar caminhos comunicacionais em uma perspectiva decolonial nasce dos diálogos construídos nos episódios intitulados: “Saúde “Saúde Mental da Mulher Indígena: Iterniza Pereira”, “Warao em Movimento: Argênia Alcântara”, “Demarcando a Universidade: Yara Makuxi”, “Bordado e Pintura: Georgina Sarmento”, “Comunicação Indígena: Mayra Wapichana”, “Sucuri de Roraima: Alcineia Pinho”, “Mulheres que Fazem Sol: Sony Ferseck”, “Indigenizando a Pesquisa: Yara Makuxi”, “Indígenas na Medicina: Suenia Manduca”, “Comunicação na Amazônia: Glycyia Makuxi”, “A Boca da Mata: Leoneide Pinho”, “Cobertura da Crise Yanomami: Evilene Paixão”, “Rede Wakywai: Eliane Wapichana” e “Arte e Grafismo: Adrielle Wapichana”.

No ato de cartografar a produção, observamos que o “Kunhantã” é capaz de: a) materializar os saberes carregados por essas mulheres a partir da gravação e publicação das narrativas no espaço virtual; b) acionar a memória por meio da verbalização dos conhecimentos que permeiam os processos pretéritos dos sujeitos; c) reafirmar a identidade que constitui a mulher originária por meio da memória; d) produzir uma mídia que reivindique a fala a partir da ótica da mulher indígena e direcione estratégias que ampliam o protagonismo e a autonomia comunitária comunicacional de mulheres indígenas.

Dessa forma, entendemos que os arranjos teóricos e as experiências empíricas são processos dinâmicos e culturais, especialmente no eixo da comunicação, e que

⁴ O podcast "Kunhantã" faz parte do projeto de pesquisa “Comunicadores indígenas e territorialidade amazônica: o protagonismo na criação de conteúdos digitais em Roraima”. A ideia surgiu, em 2022, durante a realização do trabalho de conclusão de curso de jornalismo de Adriã Galvão. Em 2023, ela ampliou o formato para o projeto de extensão da Universidade Federal de Roraima no extremo norte do Brasil, estreando um programa semanal na Rádio Web da Defensoria Pública do Estado de Roraima.

refletir sobre essa ordem abre sempre novas visões e práticas do pensar metodológico. Essa abertura de mundo nos dá então a capacidade de desempenhar outras formas de articular ações eficazes a ponto de compor a artesanaria identitária indígena, se apropriando dos conhecimentos absorvidos no âmbito urbano para a produção, reunião e compartilhamento de memórias que estruturam os saberes originários.

TECIMENTO ORAL

Observamos que a história oral é uma flecha nas mãos das originárias, pois se constroem no esforço das coletividades para não se perder no esquecimento. Refletir a oralidade como parte da memória é observar as formas de institucionalização do saber milenarmente acumulado pela tradição oral das populações originárias. Mas dentre os inúmeros mecanismos para a fixação dessa memória, levando em consideração a presença dos povos indígenas em seus territórios e ambientes urbanos, é necessário pensar formas de fazer comunicação que ampliam múltiplas vozes e desterritorializam as representações que permeiam a formação identitária da mulher indígena. Dessa forma, apontamos uma artesanaria epistêmica comunicacional como uma das possíveis propostas para essa resistência identitária.

O Kunhantã é uma manifestação da memória. Ele se constitui de identidades que constroem o saber a partir da mulher indígena. O movimento de descoberta das identidades no início das gravações é o primeiro ato de afirmação das histórias dessas mulheres. Muitos processos pretéritos que cada mulher carrega em sua formação identitária, quando narrados na produção de áudio, formam uma produção de sentidos tanto para quem produz, quanto para quem escuta, abrindo portas para as possibilidades de despertar memórias de mais pessoas. Lembramos que esse espaço de construção de narrativas está para além dos territórios. Está na comunicação multimídia da mulher indígena em seus mais diversos modos de vida.

Acionados pelos escritos de Ailton Krenak, Silvia Cusicanqui, Aline Pachamama, Suely Rolnik, Lisiane Aguiar e Luan Santos, confluímos e desaguamos nossa pesquisa em um mesmo rio: o rio das possibilidades de, a partir do agenciamento de epistemologias andinas, brasileiras e amazônicas, propor narrativas de dimensão existencial da vida contemporânea que contribuam para a preservação da memória identitária de povos originários que transitam em ambientes urbanos no Brasil. Partindo da observação da construção de duas produções sonoras, o podcast e o rádio, aprofundamos uma das estratégias para a manutenção dessa memória, a construção coletiva oral.

Encorajados pelo filósofo indígena (KRENAK, 2022, p.63), fazemos convocatória a uma rebelião do ponto de vista epistemológico, de colaborar com a produção da vida selvagem, no sentido de provocar um contraponto ao que denomina-se cidadania. A provocação de uma experiência chamada florestania, conceito que pensa a possibilidade de vida humana dentro da floresta. A experiência produzida pelos

moradores humanos da floresta há tantos milênios nos incita a pensar nessa expertise de produzir floresta e se condensar com ela.

Cabe então aos indígenas empurrados para a urbanidade, a missão de reflorestar os territórios sobrepostos pelo concreto e aço, pois nossas terras foram ocupadas com muita violência e nós, fomos obrigados a vir para centros urbanos viver a lógica individualista que cobra para comer, vestir, morar, estudar e dormir. O exercício da florestania por parte dos povos indígenas, que vivem da e a floresta, nos provoca a pensar, como fazer a floresta atravessar os muros da cidade? Como reflorestar territórios sobrepostos? De que forma, com ação ativa e esperançosa, podemos criar a possibilidade da florestania para pensar a ciência e a comunicação nesse entre-lugar chamado cidade?

A cartografia de Silvia Cusicanqui (2018, p.137) nos aponta para uma perspectiva micropolítica crítica e andina capaz de incitar a emergência de novas subjetividades, concepções de mundo e epistemes. Em 1983, Cusicanqui fundou a Oficina de História Oral Andina, um coletivo, uma comunidade cultural e política, que busca a experimentação pedagógica de epistemologias indígenas. Privilegiou a tradição oral e as entrevistas como fontes de informação, com a intenção de aplicar metodologias descolonizadoras.

A investigação empreendida por Cusicanqui na Oficina de História Oral Andina, mostra a partir da noção prática de território e pertencimento, de conflito e convivência, um enraizamento identitário coletivo de núcleos comunitários, organizações e comunidades de base inseridas na sociedade dominante. A ideia de pensar a micropolítica parte desse lugar de reivindicação e exercício diário das subjetividades presentes na dinâmica existencial de um povo, em contexto urbano.

Aline Pachamama(PACHAMAMA, 2018, p.137) então nos convida a pensar, a partir da observação do que é ser mulher indígena no Brasil, uma mobilização e subversão coletiva no Brasil que oferece estratégias de amplificação e confluência de vozes indígenas, apropriando-se das plataformas de comunicação e informação, na luta contra padrões atuais de desigualdades. Aqui, a cartógrafa Suely Rolnik nos encaminha a questionar: que paisagens podem ser observadas e atravessadas por caminhos alternativos tecidos a partir de um pensamento coletivo que contraria a lógica mercadológica dos processos comunicacionais e evoca a organicidade das interações? (ROLNIK, 1987, p. 6)

CONSIDERAÇÕES

Ao pensar a criação de micropolíticas no campo da comunicação, observamos a arteficialidade dos canais de afetação para a constituição de territórios existenciais e constituição de realidade (ROLNIK, 2006). O que nos coloca numa posição de desbravamento de caminhos que sejam mais autônomos, feitos de canto, dança, reza, história, memória, (re)existência. Nesse movimento

Se evocarmos as nossas coletividades para um tecimento epistemológico do pensamento decolonial trazido pelos povos indígenas a partir da comunicação, trazendo

aqui a experiência de uma produção sonora produzida por mulheres inseridas na urbanidade, continuaremos fortalecendo caminhos para estruturar o nosso conhecimento frente aos enfrentamentos cotidianos vivenciados.

Estamos interessados em formular novos sentidos que estruturam a vida cotidiana em que a mulher originária está inserida (Pachamama, 2018, p.137). Como o saber indígena pode propor uma artesanaria comunicacional a partir de seus exercícios coletivos da memória? Como indigenizar a cidade sobreposta aos nossos territórios no Brasil? Assim, podemos pensar uma ação que move a tessitura desse objeto guardador de memórias: viver nossas subjetividades com a liberdade que fomos capazes de inventar, não botar ela no mercado (Krenak, 2019, p. 15).

Uma das pistas para essa vivência plena de nossas subjetividades está no que chamamos de micropolíticas para viver a Florestania, que nesta obra serão os “óculos” para tecer um movimento capaz de incidir sobre as normatizações estabelecidas em uma esfera, primariamente, existencial, conseqüentemente, atualizando e consolidando os parâmetros sócio-históricos e comunicacionais.

A Cartografia da Experimentação Coletiva Oral diz respeito primeiramente à compreensão da constituição e desenvolvimento do podcast e programa Kunhantã. A cartografia se realizará no serviço de streaming Spotify. A delimitação das experiências nos indicará caminhos para nosso último movimento oferecer uma crítica, tendo como cerne a afetação da memória a partir de uma auto-história.

Pensamos a Crítica Estética e a Comunicação Decolonial a partir de ponderamentos que considerem os aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais e comunicacionais das mulheres indígenas em sua metodologia de produção. Dessa forma, será possível tecer uma discussão estética que conflua em uma artesanaria epistemológica a respeito das produções sonoras, com base em um olhar antropofágico que imbrica na desterritorialização e descolonização dos corpos indígenas presentes nas cidades.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Lisiane. (2022). *descolonizaREterritorializar* as metodologias: micropolíticas críticas e problematização da experiência na investigação com comunicadores indígenas. In: Woltrich, Laura; Rosário, Nísia Martins do. Experiências metodológicas na Comunicação. São Paulo: Pimenta Cultural.
- AMADO, Luiz H. Eloy. (2019). Vukápanovo - o despertar do povo Terena para os seus direitos: movimento indígena e confronto político.
- ASSIS, Maria José Paulino. (2015). Registro de Memórias: uma questão identitária. Mamanguape, Paraíba;
- DANNER, LENO FRANCISCO; DORRICO, JULIE; DANNER, FERNANDO. Indígenas em movimento. Literatura como ativismo. Remate de Males, Campinas, SP, v. 38, n.2, p. 919–959, 2018.

- ESTEVES, Lorena Cruz. (2022). Ativismo de mulheres indígenas em ambientes digitais: diálogos sobre (de) colonialidades e resistências comunicativas.
- GRAÚNA, Graça. (2013). Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte, Mazza.
- GUATTARI, Félix; Rolnik, Suely. (2011). Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes.
- HALL, Stuart. (2011). A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- KRENAK, Ailton. Ideais para adiar o fim do mundo. São Paulo, 2019.
- KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral: São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- LARROSA, Bondía Jorde. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Universidade de Barcelona, Espanha.
- LIMA, Ariene dos Santos. (2022) Comunicação indígena em Roraima e a criação de novas territorialidades digitais: Rede Wakytai, resistências e saberes amazônicos. Dissertação, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. (2017). Dicionário de Tupi Antigo: a língua indígena clássica. Revista Cambiassu, São Luís/MA, v.13, no 21.
- PACHAMAMA, Aline Rochedo. (2019). Mbaima Metlon: Narrativas de mulheres indígenas em situação urbana. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- CUSICANQUI, Rivera Silvia. (2018). Un mundo Ch'ixi Es Posible: Ensayos Desde un Presente en Crisis. Buenos Aires: Tinta Limón.
- ROLNIK, Suely. (2006). Cartografia Sentimental. Transformações Contemporâneas do Desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS.
- Santos, Luan Correia Cunha. (2023). O deglutir epistemológico de uma transmetodologia antropofágica.
- Silva, Fádía Cristina M.O. (2022). Memórias discursivas: da rádio ao podcast. Navegando nas ondas do interdiscurso. Pedra Branca.
- Santos, Luan Correia. (2022). Experiências antropofágicas e gambiarras Produção de podcast como ferramenta de comunicação alternativa por comunicadores indígenas. Trajeto Errático: Revista de Educação Audiovisual. e 1, nº 03.
- Souza, T. C. C. (1994). Discurso e oralidade: um estudo em língua indígena. Tese (doutorado em linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas.